

Os Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa e a Estrita Observância Templária



Extrato do livro: “L’Ésotérisme au XVIII^e siècle”, de Antoine Faivre (Paris: Seghers, 1973). Tradução de [Mário Filho](#).

Como falar de “Os Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa” sem nos referirmos à sua origem, à sua principal fonte? Façamos um retrospecto: a origem, a fonte, é Martinez de Pasqually e sua Ordem dos Eleitos Cohen [ou Coën]. De origem e nacionalidade desconhecida, esse personagem, cuja evolução espiritual permanece todavia na obscuridade por falta de documentos, aparece de forma súbita por volta de 1754 e começa uma carreira de Taumaturgo, sobretudo de Teurgo, impondo-se, em seguida, como teósofo

de enorme estatura e mago de poderes extraordinários.

Sua doutrina, cujo caráter cristão não deixa nenhuma dúvida, se apresenta como a chave de toda cosmogonia escatológica: Deus, a unidade principal, dá vontade própria aos seres “emanados” d’Ele: mas Lúcifer, querendo exercer por si mesmo a potência criadora, cai vítima de sua própria falta, arrastando determinados espíritos em sua queda e se encontra aprisionado na matéria, destinada por Deus para lhe servir de cárcere. Afinal, a divindade enviou o homem, andrógino de corpo glorioso, dotado de poderes imensos, para guardar a esses rebeldes e, ao mesmo tempo, trabalhar pela sua redenção, sendo precisamente com essa finalidade que o homem foi criado. Adão, por sua vez, pecou e arrastou em sua queda a matéria, na qual se encontra confinado. Convertendo-se em mortal fisicamente, não pode fazer outra coisa se não tentar levantar-se a si mesmo e à matéria. Isto o pode fazer com a ajuda de Cristo, pela perfeição interior e mediante operações teúrgicas que Martinez de Pasqually ensinava aos homens de desejo que considerava dignos de receber a sua iniciação. Fundadas em um minucioso ritual, essas operações permitiam ao discípulo colocar-se em contato com as entidades angélicas, que se manifestavam na câmara teúrgica sob a forma de “passos” rápidos, em geral luminosos e de caracteres ou hieróglifos, sinais dos espíritos evocados pelo operador, ao qual estas manifestações provavam que se encontrava na via da reintegração.

Essa doutrina, destinada a uma “elite”, reunida sob o nome de “Elus Cohen” (Sacerdotes Eleitos), conhece um grande êxito, mas as operações teúrgicas permanecerão sempre reservadas. De 1754 até sua morte, em 1774, Martinez de Pasqually trabalhou na construção de seu Templo Cohen, utilizando a Maçonaria como apoio ao seu próprio sistema. Até 1761 ele anda por Montpellier, Paris, Lion, Bordeaux, Marselha, Avignon. Nesse mesmo ano constrói seu Templo particular em Bordeaux, onde residiu até 1766. Nessa época, a Ordem dos Elus Cohen se apresentava como um sistema de altos graus, colocados por sobre os graus da Maçonaria Azul. A primeira etapa dos três graus simbólicos, aos que se acrescenta o do Mestre Perfeito Eleito; em seguida temos os graus Cohen propriamente ditos: Aprendiz Cohen, Companheiro Cohen, Mestre Cohen, Grande Arquiteto, Cavaleiro do Oriente, Comandante do Oriente e, finalmente, o último dos graus, a suprema consagração, o de Rosa-Cruz [Réau-Croix].

Em 1766, em Paris, Martinez de Pasqually instrui a Bacon de Chevalerie e retorna a Bordeaux. Em 1768, Willermoz recebe a iniciação do grau Rosa-Cruz [Réau-Croix] de Bacon de Chevalerie. Saint-Martin, iniciado nos primeiros graus em 1765, se torna Comandante do Oriente em 1768. Martinez de Pasqually deixa no futuro “Filósofo Desconhecido” uma magnífica impressão. Os anos de 1769 e 1770 veem multiplicar-se os grupos de Elus-Cohen por toda a França. Saint-Martin deixa, então, seu regimento, no início de 1771, para permanecer ao lado de Pasqually, como seu secretário, substituindo nesse posto ao Abade Fournié. Data desta mesma época o aperfeiçoamento dos rituais, bem como a redação do livro “Tratado da Reintegração dos Seres”^[1], base doutrinal da teosofia e teurgia martinistas.

Em 1772, Saint-Martin recebe o grau de Rosa-Cruz, mas Martinez de Pasqually parte, no mesmo ano, para Santo Domingo [Haiti] a fim de receber uma herança, morrendo naquela cidade em 1774. Com sua morte a Ordem se desfaz. A partir de 1776 os Templos Cohen de La Rochelle, Marselha e Libourne se integram à Grande Loja da França. Em 1777 as cerimônias parecem estar em desuso, conservando-se em apenas alguns cenáculos, como em Paris, Versalhes e Eu [na Normandia].

Em 1781, Sebastien Las Casas, terceiro e último Grão Soberano dos Elus-Cohen (sucessor de Caignet de Lester, morto em 1778) ordena o fechamento dos oito Templos que reconheciam sua autoridade. Nem Caignet ou Las Casas desempenharam papel importante. Apesar do fechamento oficial, os Elus-Cohen continuaram exercendo sua teurgia e fazendo iniciações. Por outro lado, os ensinamentos filosóficos de Martinez de Pasqually não se perderam: no seio da Maçonaria segue sendo difundidos durante muito tempo depois da morte do Mestre, graças ao sistema maçônico instituído por Willermoz pouco depois da morte de Pasqually.^[2]

É 1768 quando o Abade Pierre Fournié conhece aquele que vai modificar sua maneira de pensar e o seu destino: Martinez de Pasqually, de quem exercerá, durante vários meses, a função de secretário. Iniciado como Elu-Cohen, o clérigo tonsurado Fournié conhece Willermoz e Saint-Martin. Reside, sobretudo, em Bordeaux, onde serve como intermediário entre os diferentes membros da Ordem. Em 1776, Saint-Martin considera Fournié como um Elu-Cohen excepcionalmente favorecido em matéria de manifestações paranormais; o próprio Fournié falará de algumas em sua obra, temendo falar demais. Apesar desses dons, Willermoz o coloca de lado das revelações do “Agente Desconhecido” (ver abaixo). Fournié, a partir de 1786, rompe com seus antigos irmãos e no momento da Revolução imigra para a Inglaterra, permanecendo até sua morte. Mantém correspondência (entre 1818 e 1821) com o teósofo de Munique, Franz von Baader, conhecendo, também, o Conde Divonne.

A obra do Abade Pierre Fournié, de um Martinismo^[3] “catolicizado”, testemunha igualmente a influência de Jacob Boehme, de William, de Madame Guyon, de Swedenborg e do mesmerismo. Fournié, juntamente com Willermoz (morto em 1824), é um dos últimos sobreviventes dos pensadores discípulos de Martinez de Pasqually. Seu livro, iniciado em 1775, não se publicará até 1801.^[4]

Mas, em que consiste o sistema maçônico dos “Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa”, instituídos por Willermoz e inspirado no Martinismo (ver nota 3)? O lionês Jean-Baptiste Willermoz^[5] procedia de uma família da região do Franche-Comté; dedicava-se ao trabalho de comércio de sedas, sendo um próspero negociante. Aos vinte anos é iniciado na Maçonaria. Em 1753 funda a “Loja da Perfeita Amizade” e em 1760 desempenha papel importante na formação da “Grande Loja dos Mestres Regulares de Lyon”, da qual chega a ser Grão-Mestre. Com o auxílio de um amigo, o médico Pierre Jacques, admirador da alquimia e seguidor das ideias de Don Pernety, funda em 1763 o Capítulo Rosa-Cruz dos “Cavaleiros da Águia Negra Rosa Cruz”. É Bacon de Chevalerie que o coloca em contato com Martinez de Pasqually em Versalhes, em 1767, onde recebe a iniciação nos primeiros graus da Ordem dos Elus Cohen. No mesmo ano representa Martinez de Pasqually na

província de Lyon. Iniciado como Reau-Croix^[6] em 1768, Willermoz se torna grande amigo de outro Elu-Cohen, Louis-Claude de Saint-Martin, com o qual mantém uma ativa correspondência a partir de 1771; no entanto, somente em 1773 é que terá a oportunidade de conhecer Saint-Martin pessoalmente em Lyon. Saint-Martin permanece hospedado na casa de Willermoz por mais de um ano. Muito impressionado, assim como o estava Saint-Martin, pelos ensinamentos teosóficos e teúrgicos de Pasqually, que lhes proporcionará, de maneira definitiva, um quadro dogmático, Willermoz consagrará sua vida ao Martinismo (ver nota 3). Dentro do plano teúrgico é necessário esperar muitos anos para poder lograr manifestações ou contatos com os planos invisíveis. Por outro lado, se viu na obrigação de contribuir materialmente para manter Martinez de Pasqually. Permaneceu fiel a seu mestre, mesmo após a morte desse.

Quando Pasqually deixa a França para ir a Santo Domingo (em 06 de maio de 1772), os Elus-Cohen lioneses, um pouco desamparados, reúnem-se frequentemente para trocar conhecimentos que ele [Pasqually] lhes havia transmitido e aclarar ou aprofundar determinados pontos. Willermoz nos deixou volumoso caderno manuscrito de “Instruções aos Elus-Cohen” (Instructions aux Elus Cohens), chamadas, também, de “Conferências de Lyon” (Conférences de Lvon), um conjunto de notas interessantes, capaz de nos permitir melhor compreensão dessa Teosofia, que são datadas do período de 1774 a 1777. Uma iniciativa desse tipo não parece, de pronto, uma traição, mas, não se poderia interpretar dessa maneira a intenção de dar aos ensinamentos dos Elus-Cohen uma dimensão maçônica ecumênica? Na verdade, é para isso que Willermoz se empenhará.

Martinez de Pasqually queria fundar uma sociedade esotérica independente, exclusiva, não um rito maçônico propriamente dito, destinado a englobar o maior número possível de Lojas. Ele não queria buscar a aliança dos sistemas maçônicos escoceses, na época florescentes; inclusive, contava-se que havia repreendido, nesse sentido, ao zeloso Bacon de Chevalerie. Pasqually não havia elaborado nenhum cenário relativo a forma na qual seus conhecimentos haviam chegado até ele, contrariamente ao que se encontra em todo ritual maçônico dessa inspiração. Entretanto, Willermoz aspirava ocupar um lugar de destaque na Maçonaria esotérica e desde 1761, mesmo antes de conhecer a seu mestre, se havia dirigido ao Grande Oriente de Metz, dominado pelos maçons hermetistas [como, por exemplo, Don Pernety].

[1] O “Tratado da Reintegração dos Seres” é a única obra escrita por Martinez de Pasqually, que se tornou o texto fundante do Martinismo. (N.T.)

[2] De Martinez de Pasqually ler: “Tratado de reintegração dos seres em sua primeira propriedade, virtude e potência espiritual divina”. Sobre Pasqually consultar a obra de Gerad van Rijnberk “Un Thaumaturge au XVIIIesiècle, Martinez de Pasqually” (Paris: Alcan, 1935, e t. II, Lyon, Derain-Raclet, 1938); Papus, “Louis-Claude de Saint-Martin”(Paris, Chacornac, 1902); Le Forestier, “La Franc-Maçonnerie Templière et occultiste aux XVIIIe et XIXe siècles”(Paris: Aubier, 1970). Consultar, também, os artigos de Robert Amadou em “L’Initiation”, n. de janeiro a dezembro de 1969, e o Léon Cellier, na mesma revista, n. de julho e setembro de 1969.

[3] Neste texto a palavra martinismo é utilizada para se referir ao sistema teosófico e teúrgico desenvolvido por Martinez de Pasqually e não ao Martinismo desenvolvido um século depois pelo médico Gerard Encousse (Papus), baseado no pensamento de Saint-Martin, um dos principais discípulos de Pasqually. (NT)

[4] FAIVRE, Antoine. “Un martinésiste catholique, l’abbé Pierre Fournié”. Revue de l’Histoire des Religions, julho-dezembro de 1967; AMADOU, Robert. “L’abbé Fournié”. L’Initiation, outubro-dezembro de 1966 e janeiro-março de 1970 (este artigo não foi terminado).

[5] Sobre Willermoz, além da obra de R. Le Forestier, consultar a Alice Joly, “Un Mystique lyonnais et les secrets de La Franc-Maçonnerie” (Mâcon: Protat, 1938); da mesma autora: “De l’Agent Inconnu au Philosophe Inconnu” (Paris: Denoël, 1962); a Gérard van Rijnberk “Episodes de la vie ésotérique” (Lyon: Derain, 1949); Reverendo Keith Dear “J. B. Willermoz”, publicado na revista “Le Symbolisme” (Julho de 1958). Sobre os arquivos de Willermoz, ver o artigo de Henry Joly “Les Archives maçonniques de J. B.. Willermoz à La Bibliothèque Municipale de Lyon”, publicado no “Bulletin des Bibliothèques de France” (Junho de 1956, págs. 420-424).

[6] Último grau da *Ordem* dos Cavaleiros Maçons *Elus Cohen do Universo*. [NT]